

## **CHUVA QUE FAZ BROTAR, ALIMENTO SAUDÁVEL E SOBERANIA ALIMENTAR**

Sandra Marli da Rocha Rodrigues<sup>1</sup>

Jandir Rodrigues<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo sistematizar a experiência da construção de 10 cisternas de ferro cimento, as quais foram construídas no ano de 2012, nos municípios de Barracão, Bom Jesus do Sul, Flor da Serra do Sul e Ampere, localizados na região de fronteira no Sudoeste do Estado do Paraná. O referido processo foi fruto das demandas da Campanha Nacional pela Produção de Alimentos Saudáveis-CNPAS, lançada no Dia Internacional da Mulher - 08 de Março de 2007, pelo Movimento de Mulheres Camponesas-MMC e desenvolveu-se em parceria com o Movimento de Atingidos por Barragens-MAB, com apoio técnico da Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – ASSESOAR. O relato da experiência é de fundamental importância, por “dar vós” aos sujeitos envolvidos no processo.

**Palavras-chave:** Cisterna, Quintais produtivos, Políticas.

### **Resumen**

El presente artículo tiene como objetivo sistematizar la experiencia de la construcción de 10 cisternas de hierro cemento, las cuales fueron construidas en el año 2012, en los municipios de Barracão, Bom Jesus do Sul, Flor da Serra do Sul y Ampere, localizados todos en la región de frontera del Sur-oeste de la región del estado del Paraná. El proceso referido fue fruto de las demandas de la Campaña Nacional por la Producción de Alimentos Saludables-CNPAS, lanzada en el Día Internacional de la Mujer-08 de marzo del 2007, por el Movimiento de Mujeres Campesinas (MMC), el mismo fue desarrollado en conjunto con el Movimiento de Afectados por las Represas – MAB (Por sus siglas en Portugues), con apoyo tecnico de la Asociación de Estudios, Orientación y Asistencia Rural-ASSESOAR. El relato de la experiencia es de fundamental importancia, por "dar alas" a las personas participantes del proceso.

**Palabras clave:** Cisterna, Quintas productivas, política.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia para Educadores do Campo, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Sociedade, Cultura e Fronteiras, UNIOESTE Campus Foz do Iguaçu; e-mail: [darocharodrigues@gmail.com](mailto:darocharodrigues@gmail.com), orientador professor Dr. Fernando José Martins.

<sup>2</sup> Acadêmico de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar da UNILA; e-mail: [jandir.sanjar@gmail.com](mailto:jandir.sanjar@gmail.com)

## **Introdução:**

O presente artigo traz uma reflexão sobre a sistematização e sua importância para registrar o “quefazer” no trabalho popular. Faz uma breve reflexão sobre a prática articulada com a luta dos movimentos sociais por políticas públicas.

Trabalhar alguns conceitos como, quintais produtivos, soberania alimentar e a importância da atuação das mulheres camponesas na preservação da biodiversidade, na produção de alimentos saudáveis e na construção de práticas de resistência no campo.

Aborda o processo de construção de 10 cisternas de ferro cimento em unidades de produção camponesas, localizadas em quatro municípios da região Sudoeste do Paraná, traz detalhes desde o processo de seleção das famílias beneficiárias até a construção das referidas cisternas.

Buscou-se também, “dar voz” aos sujeitos envolvidos no processo, onde se garantiu a integralidade das falas, percebe-se a importância das cisternas na vida das famílias, e, como é preciso avançar na consolidação de políticas públicas que venham ao encontro das necessidades dos povos do campo.

Encerra-se com imagens das cisternas construídas, com as famílias beneficiárias, e aponta algumas considerações finais.

## **A importância da sistematização de experiências**

Considera-se de fundamental importância compreender que sistematizar as experiências de trabalho popular é uma necessidade enquanto classe trabalhadora, pois, temos que contar a nossa história, a partir do chão em que pisamos e dos nós que diuturnamente desatamos. Somos sujeitos de nossa história, e, construímos conhecimentos que precisam ser sistematizados.

“Realizar processos de produção do conhecimento que interessam para as classes populares é um elemento central na luta político-ideológica pela transformação da sociedade, pois, em nossa sociedade, a mentalidade que hegemoniza é a da classe dominante”. (...) “Portanto, a produção intelectual a partir dos interesses das classes populares é extremamente necessária para o avanço da luta, para a construção de uma nova cultura/mentalidade e para a transformação social.” (FUNDEP, 2007, p. 16)

Nessa perspectiva, sistematizar é demarcar espaço no campo da produção de conhecimento. O nosso fazer é político, histórico e social. Conforme Paulo Freire “Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente criam a história e se fazem seres histórico-sociais”. (FREIRE, 1987, p. 92). Considerando que a metodologia do trabalho realizado é da educação popular, e, que existe um processo histórico de construção do conhecimento, assim sendo: “Para o trabalho popular, a teoria que interessa é a que emerge da leitura do processo que está sendo vivido, por que é a capacidade de fazer essa leitura que a sistematização propicia, que ajuda a qualificar a caminhada”. (FUNDEP, 2007, p. 21).

Corroborando com Alba, que afirma:

A sistematização, ao contribuir para explicitar os problemas e as possibilidades da relação teoria e prática, da interação entre o fazer e o refletir (práxis), conecta, na luta popular, o local/imediato ao geral/estratégico indispensável à prática política comprometida com a transformação social. (2014, p.28)

Assim sendo, faz-se necessário conhecer a realidade onde estamos inseridas (os), estudar as teorias sobre o tema e compreender processos semelhantes vividos por outros sujeitos sociais, na mesma região ou em regiões distintas. Segundo Freire, “Mas a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é um quefazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão” (1987, p.40). Ou seja, para além do “fazer” ao construir as cisternas, é fundamental considerar o “quefazer” com momentos de estudo e reflexão sobre como articular as pautas locais imediatas, com as lutas gerais, estratégicas de construção do projeto de agricultura camponesa, Soberania Alimentar e com a transformação da sociedade.

### **Alimentos saudáveis nos quintais produtivos**

Segundo Sally Burnning and Catherine Hill (FAO), (SEMILLAS, 2004, p. 222), na África Subsaariana e no Caribe, as mulheres produzem entre 60 e 80% da base da alimentação. Na Ásia as mulheres realizam mais de 50% do trabalho na produção de arroz, no Sudeste Asiático, no pacífico e na América Latina, as hortas cultivadas por mulheres estão entre os sistemas agrários mais complexos que se tem conhecimento.

Buscando dar visibilidade ao grande potencial produtivo das camponesas, o Movimento de Mulheres Camponesas – MMC/BRASIL, lançou no Dia Internacional da Mulher Trabalhadora - 8 de março de 2007, a campanha nacional pela produção de alimentos saudáveis – CNPAS, entre as metas da campanha constava a melhoria nas estruturas das unidades de produção camponesa. A construção das cisternas é uma demanda do Projeto popular de agricultura camponesa agroecológica, o qual, considera de extrema importância a preservação das nascentes de águas, rios e fontes, e o aproveitamento da água da chuva através da utilização de cisternas.

Como desdobramento de um intenso período de reuniões e elaboração de propostas, o processo de construção das cisternas, iniciou-se em 2011. Através do convenio Projeto Básico BRA-007-B-003/2010 ADAI/IABS, numa parceria entre o Movimento de Mulheres Camponesas – MMC e o Movimento dos Atingidos por Barragens –MAB. Por se tratar de uma política pública e de uma demanda concreta das mulheres camponesas, intensificou-se o trabalho de base, visitas às unidades de produção camponesa, reuniões com os grupos de mulheres, diálogos e elaboração de diagnóstico da realidade das famílias. A seleção das famílias beneficiárias respeitou critérios previamente estabelecidos, entre eles:

- A falta de água potável na unidade de produção camponesa;
- Inserção nos processos de organização e formação do movimento social;
- Famílias que produziam alimentos saudáveis para comercialização em feiras da agricultura familiar e camponesa ou para programas institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos-PAA; Programa Nacional de Alimentação Escolar –PNAE;
- Famílias com pessoas idosas ou famílias com maior número de crianças;
- Famílias em situação de insegurança alimentar;
- Famílias com inscrição no CAD único.

A construção de cisternas como forma estratégica de armazenar água da chuva para produção de alimentos saudáveis nos quintais, visando torna-los “quintais produtivos”, considerando que: “Os quintais são uma das formas mais antigas de manejo da terra” (AMARAL E NETO, 2008, p.330).

Com isso,

“A construção de cisternas, além de ser uma alternativa muito mais barata, não causa danos ao meio ambiente. A grande importância da implantação desses sistemas, por tanto, é diminuir a exploração das águas subterrâneas, além de garantir a disponibilidade de água durante o ano todo, aproveitando os períodos chuvosos para captar e armazenar a água de fontes protegidas ou de telhados, para ser utilizada nos períodos mais secos”. (ASSESOAR, 2014, p3).

A água é um bem indispensável para a produção de alimentos saudáveis nos quintais produtivos, os quais além de tornarem o ambiente mais bonito e agradável, contribuem significativamente para a Segurança Alimentar e Nutricional-SAN, como se constata: “Diversos autores têm relacionado à melhoria da situação de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) de famílias pesquisadas com a presença de quintais produtivos nos domicílios.” FURTADO DA SILVA e ANJOS (2015 p. 4).

Na compreensão do MMC os quintais produtivos compõem a paisagem viva da agricultura camponesa, como salienta a cartilha da Articulação de Mulheres Trabalhadoras Rurais da região Sul - AMTR-SUL:

Na agricultura camponesa o ambiente: terra, água, sementes, plantas, animais fazem parte das relações de convivência e de trabalho, assim como o sol, a lua, a chuva, a geada, as estações do ano, os ciclos da natureza expressam esperança, morte, transformação e vida. Elas [as mulheres] sabem organizar o quintal combinando variedades de flores, plantas medicinais, pomar privilegiando perto da casa a sombra para acolher amigas (os), as vizinhas (os) (AMTR-SUL, 2008, p. 29).

Em outras palavras, na mesma perspectiva, Collet e Cima trazem a seguinte definição:

“Os quintais produtivos compreendidos como o espaço onde estão organizados a horta, o horto medicinal, o pomar, os jardins, a estrutura para a criação e reprodução de animais de pequeno porte, o processamento artesanal de derivados de leite, os sucos, as conservas, os doces e os artesanatos são o principal lugar onde as mulheres camponesas têm autonomia e decisão”. (COLLET, CIMA, 2015, p. 45).

Os quintais produtivos são constitutivos do projeto popular de agricultura camponesa agroecológico, são de fundamental importância para o auto sustento das famílias, contribuem na construção da autonomia econômica das mulheres camponesas, e são estratégicos para a soberania alimentar. Para STEDILE e CARVALHO, a definição de Soberania Alimentar é:

É o conjunto de políticas públicas e sociais que devem ser adotados por todas as nações, em seus povoados, municípios, regiões e países, para garantir que, em cada

local, se produza os alimentos necessários para a sobrevivência da população que ali vive. (...) parte do princípio de que o povo, para ser soberano e protagonista do seu próprio destino, deve ter condições, recursos e apoio necessário para produzir seus próprios alimentos. (...) Portanto, as políticas públicas, dos governos, estados e instituições, e as políticas dos movimentos de agricultores e da população, em geral, devem ser direcionadas para garantir os recursos e condições técnicas necessárias para alcançar essa condição, de produzir todos os alimentos básicos que um povo necessita em seu próprio território. (2015, p.37)

Compartilhando do conceito supracitado, e, com a compreensão da importância do trabalho das mulheres camponesas nos quintais produtivos, materializando na prática cotidiana a soberania alimentar, promovendo vida e saúde,

(...) “os alimentos produzidos nos quintais e com os princípios da agroecologia, que além de nutrir o corpo, nutrem os sentimentos de satisfação em quem está produzindo, consumindo e oferecendo para família alimentos que promovem saúde e vida” (RODRIGUES, 2017, p. 37)

Sob esse embasamento, a construção das cisternas teve como alicerce o processo de formação sobre a importância da água, de sua preservação, proteção e uso consciente. É importante considerar que o referido projeto teve caráter experimental na região Sul do país, a qual passou por longos e sucessivos períodos de estiagens e secas, que acarretaram em perdas de produção de alimentos e colocaram as famílias camponesas em condições de vida muito sofridas, algumas não tinham água potável nem para beber e preparar os alimentos, tendo que andar quilômetros para buscar água de poços artesianos para o consumo humano e preparo dos alimentos.

Buscar água de rios para fazer limpeza e higiene pessoal, bem como, para dar aos animais de pequeno e grande porte, outras famílias tiveram que buscar junto ao município o abastecimento através do caminhão pipa, para abastecer seus pequenos reservatórios de água. Essa água do caminhão não era gratuita, as famílias tinham que pagar pela água, quem não tinha condições de pagar não tinha a água do caminhão, ou abria mão de outras necessidades básicas para garantir o mais precioso dos bens “a água”.

O trabalho coletivo se deu em forma de mutirões, o que possibilitou, para além do aprendizado da construção em si, trocas de mudas, sementes, conhecimentos, experiências e vivências, pois, cada cisterna levava em média quatro dias para ser construída. Nas palavras de Freire “A intersubjetividade, em que as consciências se enfrentam, dialetizam-se, promovem-se, é a tessitura última do processo histórico de humanização” (1987, p. 17). O

trabalho coletivo em forma de mutirão, propiciou a intersubjetividade das famílias envolvidas no processo.

Esse trabalho em mutirão também promoveu o fortalecimento das relações de amizade e companheirismo entre as famílias. O debate principal que permeou todo o processo, foi da importância do acesso as políticas públicas e ao desenvolvimento de tecnologias voltadas a agricultura familiar e camponesa. Bem como, a busca coletiva para resolver os entraves burocráticos que se apresentaram desde o início até a conclusão do processo.

### **Construindo as cisternas**

Com a realização do processo de estudo, formação e seleção de famílias beneficiárias, o passo seguinte foi o de construir as cisternas. Mas como construir em forma de mutirão se não havia no grupo ninguém com a capacitação técnica necessária para tal fim? Diante disso, o MMC BRASIL fez parceria com o Centro de Tecnologias Alternativas Populares – CETAP – RS, o qual tinha experiência na construção de cisternas de ferro-cimento e providenciou material formativo, para servir como apoio na execução do projeto. Mas, o CETAP não tinha disponibilidade de tempo para assessorar e orientar a construção das cisternas do MMC/PR. Enquanto isso, no Sudoeste do Paraná a Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – ASSESOAR, executava o projeto de construção de tecnologias ecológicas, o qual visava a implementação de Agroflorestas, construção de silo secador e cisternas na região. Como já havia parceria de trabalho entre o MMC e a ASSESOAR, foi acordado de que, o MMC disponibilizaria pedreiros para contribuir na construção de uma cisterna numa escola do campo no interior do Município de Salgado Filho. Em contrapartida, esses pedreiros se apropriariam da técnica de construção das cisternas para executar a construção das 10 cisternas como previa o projeto.

Em Abril de 2012 iniciamos a construção da primeira cisterna na Linha São Bento, interior de Flor da Serra do Sul.

Para Construção de cada unidade das cisternas de Ferro Cimento foram utilizados os seguintes materiais: Malha de ferro: de 15 por 15 cm (3m x2 m) e bitola 4.2 mm, Tela de viveiro: de 1/2 polegada de metal e plástico, para o entorno do cilindro para facilita o trabalho, na tampa foi acrescentado tela de sombreamento (sombrite), arame queimado para

fixar os materiais, areia, pedra brita, cimento, baldes, torquês, colheres de pedreiro, pás, enxadas, desempenador para segurar a argamassa, peneira, espuma, escada, betoneira, maquina para o corte de ferro ou madeira, cano, joelho, registro de PVC de 50 mm, varas de bambu de várias medidas, barrotes e palanques (andaimes), calhas e cano 100 mm para coletar a água do telhados até cisterna, taboas entre outros pedaços de madeira.

O processo de construção foi até Julho de 2012. Período de superação de entraves burocráticos e de muitos aprendizados, como fica perceptível nas palavras de algumas das famílias beneficiárias, percebe-se também a importância do processo da construção da cisterna em forma de mutirão:

“A nossa luta pra conseguir as cisternas foi muito grande, nós não ganhamos a cisterna, nós conquistamos, por que a gente ganha alguma coisa se a gente não pede. Mas, nós lutamos, pedimos e conseguimos as cisternas. E a construção em mutirão foi muito importante, todo mundo se ajudando, aprendendo uns com os outros, avaliando o processo, aprendendo com os erros e buscando a cada dia melhorar o trabalho, e assim construímos”. Beatriz Smaniotto.

“O processo de construção participativo das famílias beneficiadas contribuiu para troca de conhecimentos entre ambas”. Família Debona.

“O mutirão pra construção foi muito bom, por que nos tornamos uma nova família, com brincadeiras, conversas, risadas que a gente nem via o tempo passar”. Família De Campos Borth.

“Foi uma ajuda mútua, (6 ou 7) pessoas para construir, a construção demorou 4 dias cada uma. A experiência de todos se ajudarem em prol de um bem comum, foi bem gratificante e construtiva para nós”. Família Zuquetto.

“Também foi muito bom a interação de todos trabalhando em mutirão para a construção das cisternas, todos se ajudando assim a gente conseguiu fazer com menor custo e trabalhando juntos a construção foi mais rápida”. Família Volpatto.

“A construção em mutirão, foi fruto da conscientização de que, a contrapartida era a construção coletiva, em forma de mutirão, pois, o recurso era pouco e tínhamos que dar conta da construção das 10 cisternas do projeto. Foi um processo valioso, na troca de experiências e aprendizados, no nascimento ou fortalecimento dos laços de amizade e companheirismo, que perduram até os dias atuais”. Família Da Rocha Rodrigues



Sobre o significado da construção das cisternas, e as mudanças que houveram depois do processo, seguem as falas das famílias:

“A economia de água foi enorme, utilizamos a água de chuva, não precisamos mais gastar a água potável para tarefas como lavar roupas, e isso já significou uma mudança bem perceptível, até mesmo na nossa consciência de economia.

Pra nós significou uma ajuda muito boa, que trouxe muitos benefícios, dentre eles a economia de água foi o principal, utilizamos a água para lavar roupas, irrigar a horta etc”. Família Zuquetto.

“Melhorou bastante, por que a gente não tinha água, qualquer seca era um sufoco, agora a gente tem a cisterna que ajuda muito para garantir a produção de alimentos na horta, e garante água boa pras galinhas poedeiras”. Família Smaniotto

“Para nós significou muito porque agora a gente tem uma boa reserva de água, aproveitando a água da chuva, para a limpeza da casa e para irrigar a produção de alimentos sem custo nenhum, além de não explorar a água do subsolo, que é escassa”. Família Volpatto

“A construção da cisterna significa melhoria na qualidade de vida. Além de que, com a captação da água da chuva estamos contribuindo com a preservação do meio ambiente. O que mudou com a construção da cisterna, foi que na nossa propriedade não temos fonte de água, dependendo da água de propriedades vizinhas, tanto para o consumo humano como dos animais e irrigação. A partir do momento que começamos captar água na cisterna a irrigação da horta passou a ser com ela”. Família Debona.

“Pra nós significou vida, por que logo que foi construída a cisterna, salvamos a plantação de melão. Depois usamos pra irrigar o pomar, os canteiros de hortaliças e de tomates e ainda usamos pra fazer a limpeza em duas casas. A cisterna é um alívio pra nós, por que a gente sabe, que se tem a cisterna cheia, tem produção de comida garantida. Na última safra plantamos duas caixinhas de arroz crioulo (aproximadamente 2 kg) que ganhei de uma companheira e na falta de chuva, botamos água da cisterna, conseguimos colher dois volumes (aproximadamente 70 kg) de arroz, risoto não vai faltar, (risos)”. Palmiría de Campos Borth.

**Onde foram construídas as cisternas do mmc no pr?**



**Unidade de produção camponesa de Alzemira e João Babics, comunidade de Alto Alegre , Ampere, Paraná.**



**Unidade de produção camponesa de Maria Roque e Rosalino, comunidade de Alto Alegre, Ampere, Paraná.**



**Unidade de produção camponesa de Irene e Antonio Debona, Comunidade Campinas, Barracão, Paraná.**



**Unidade de produção camponesa de Loivane e Edisandro Volpatto. Comunidade Campinas, Barracão, Paraná.**



**Unidade de produção camponesa de Maria Isabel e Paulo Zuquetto, Comunidade São Roque, Barracão, Paraná.**



**Unidade de produção camponesa de Sandra e Jandir Rodrigues, Comunidade Boa Esperança, Bom Jesus do Sul, Paraná.**



**Unidade de produção camponesa de Palmira e Celio Borth, Comunidade Sertaneja, Bom Jesus do Sul, Paraná.**



**Unidade de produção camponesa de Clarinda (in memoriam) e Jorge Pereira, Comunidade Planaltinho, Bom Jesus do Sul, Paraná.**



**Unidade de produção camponesa de Beatriz e Zeferino Smaniotto, Comunidade São Bento, Flor da Serra do Sul, Paraná.**



**Unidade de produção camponesa de Loreci e Gilmar Correia, Comunidade São Bento, Flor da Serra do Sul, Paraná.**

### **Considerações finais**

A sistematização da experiência evidencia a importância de políticas públicas acessíveis as/aos camponesas e camponeses, para a produção de alimentos e melhoria da qualidade de vida das famílias.

É importante pontuar que a burocracia que perpassa todos os projetos com recursos públicos, muitas vezes impede o acesso de famílias com muitas necessidades e demandas, e, que ficam a margem dos processos e das políticas.

Constata-se também, que 90% das famílias beneficiárias já haviam sido contempladas com o programa “Minha casa minha vida rural”, ou seja, não basta ter casa nova, se não tiver acesso à água para produzir comida e permanecer no campo.

Percebe-se a satisfação das famílias ao falarem de como a cisterna contribuiu para a conscientização sobre a preservação e uso consciente da água, potencializando as experiências de produção de alimentos saudáveis e diversificados, promovendo saúde e bem viver, para quem produz e para quem consome, contribuindo com soberania e segurança alimentar.

Para além da construção de cisternas, o processo possibilitou a construção de novos sujeitos, pessoas mais solidárias e mais comprometidas com a luta dos movimentos sociais por políticas públicas. Há uma frase síntese de uma das beneficiárias em relação a cisterna. “Significou tudo”.

## Referências Bibliográficas

ALBA, Rogéria Pereira. Aprendizados sobre o método de sistematização permanente. Revista Cambota. Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural – ASSESOAR, ano 40, n.269, Francisco Beltrão, 2014.

AMARAL, Cleomara Nunes do, NETO, Germano Guarim, *Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste* (Mato Grosso, Brasil), Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341, set.-dez. 2008.

ASSESOAR, Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural. *Cisterna ferro cimento: uma forma acessível, viável e ecológica de armazenamento de água*. Francisco Beltrão: Calgan Editora Gráfica/Berzon, 2014.

BONI, Valdet [et al.]. *Organização produtiva de mulheres e promoção de autonomia por meio do estímulo à prática agroecológica*. Tubarão: Copiart, 2015.

CARVALHO, Horacio Martins, *Semillas patrimonio del pueblo al servicio de la humanidad*. Quito: Artes Gráficas Silva, junio de 2004.

Daron, Vanderléia L. P. [et al.]. *Mulheres camponesas em defesa da saúde e da vida, Mulheres camponesas*. AMTR-SUL, Chapecó: 2008, Grafica Passografic.

FURTADO DA SILVA, Adriella Camila Gabriela Fedyna, ANJOS, Mônica de Caldas Rosa dos, Quintais produtivos: para além do acesso à alimentação saudável, um espaço de regaste do ser. Apresentado a III Jornada Questão Agraria e Desenvolvimento, de 12 e 13 de novembro de 2015.

Freire, P. (s.d.). *Pedagogia do oprimido, 17ª ed.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Paludo, Conceição; Beatrice, Rodrigo Ferronato;. (Fundep, 2007). *Sistematização de experiências de trabalho popular*. Ronda Alta: Fundep, 2007, Evangraf.

RODRIGUES, Sandra Marli da Rocha, [et al.]. Artigo apresentado no I Encontro de Políticas Públicas de Desenvolvimento Sustentável: os 17 objetivos para transformar o mundo da ONU em debate, realizado em conjunto com a Conferência Latino-Americana de Rotaract Club's, no período de 12 a 16 de julho de 2017, no JL SHOPPING, Foz do Iguaçu – Paraná – Brasil.



Revista Orbis Latina, vol.7, nº 2, Foz do Iguaçu/ PR (Brasil), Edição Especial – Julho de 2017. ISSN: 2237-6976 Disponível no website <https://revistas.unila.edu.br/index.php/orbis> e ou <https://sites.google.com/site/orbislatina/>

Stedile, J. P., & Carvalho, H. M. (s.d.). *Soberania Alimentar, Alimentação Saudável: Um Direito de Todos!* São Paulo: Boletim da Educação - número 13, 2015, Expressão Popular.